

Livros e leitores em Policarpo Quaresma

Pedro da Cunha Pinto Neto

Resumo

Este trabalho toma como objeto de análise o romance "Triste fim de Policarpo Quaresma", de Lima Barreto (1881-1922), obra que narra as desventuras de um funcionário público num momento crítico da "República do Marechal Floriano", trazendo para o primeiro plano, as relações de poder que ali se constituem e se perpetuam. Livros, bibliotecas, títulos acadêmicos, formação escolar e produção escrita aparecem como elementos que definem os lugares e as posições, aonde o ler, o escrever e o possuir livros são atributos determinantes no jogo das relações estabelecidas. A análise da obra coloca em destaque elementos que permitem compreender e construir uma história dos significados do letramento e da constituição das hierarquias sociais que se pautaram no acesso e no uso da palavra escrita.

Palavras-Chave: Letramento, literatura, história, educação.

Abstract

This work analyzes the romance "Triste fim de Policarpo Quaresma" of Lima Barreto (1881-1922), an opus that narrates the misfortune of a public servant at a critical moment of the Republic of Marshal Floriano, showing in the foreground the relationships of power that are established and perpetuated there. Books, libraries, academic titles, educational development and written production appear as elements that define places and positions, where reading, writing and possessing books are determinative attributes in the game of established relationships. The analysis of this piece of work makes prominent the elements that allow us to comprehend and construct the history of the meanings of literacy and the constitution of social hierarchies that have been ruled on the access and use of written word.

Word-Key: Literacy, literature, history, education.

Todos os Santos (Rio de Janeiro) - março de 1911.

Com estes dados Lima Barreto fecha o seu *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, obra em que narra as desventuras de um homem comum. Considerado louco, visionário e traidor, Quaresma é antes de tudo um homem que se constrói a partir das suas leituras: os livros, seus amigos inseparáveis, acompanham-no por toda a vida.

Mas os livros não fazem parte apenas da vida de Quaresma. Lima Barreto vai definindo os seus personagens nas relações que estes estabelecem com os livros e a leitura. Cria uma certa hierarquia, na qual o que cada um lê, ou não lê, ou diz que lê, está de certa forma ligado às suas preocupações, atitudes, concepções de mundo e caráter. Esta caracterização não se limita à leitura, há a preocupação em mostrar os usos e os abusos dos livros, do seu valor simbólico, enquanto são associados ao prestígio social e aos mecanismos de poder. Dessa forma, os seus personagens compram livros, constroem bibliotecas, lêem e escrevem.

Mas quem lê em 1911? Lima Barreto não nos responde a esta questão, mas nos mostra um pouco dos significados que os livros assumem na vida dos seus personagens. Partindo de trajetórias distintas, revela qual é o uso "correto" ou "esperado" dos livros naquela República, ao mesmo tempo, os "perigos" do uso destes por pessoas "desqualificadas".

Nesta análise, vou me deter nas relações assumidas com os livros, a leitura e a escrita pelo personagem central, Policarpo Quaresma, e dois outros, Genelício e doutor Armando, que aparecem como exemplos daqueles que usando dos mais diversos expedientes, principalmente dos atributos da palavra escrita, irão concretizar seus projetos de ascensão profissional e social.

Policarpo Quaresma - Livros, para quê?

Quaresma "não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora fosse cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo" (Lima Barreto, s.d., 11). Assim, a denominação de esquisito, devia-se ao seu recolhimento e a regularidade dos seus "hábitos burocráticos".

Mas não era só isso, havia também um outro fato que chamava a atenção - os livros. Embora ele os usasse discretamente, no recolhimento do seu lar, "acontecía que, quando se abriam as janelas da sala de sua livraria, da rua poder-se-iam ver as estantes pejadas de cima abaixo" (Lima Barreto, s.d., 11). Assim, o simples fato de possuí-los, causava incômodos:

Se não tinha amigos na redondeza, não tinha inimigos, e a única desafeição que merecera, fora a do doutor Segadas, um clínico afamado no lugar, que não podia admitir que Quaresma tivesse livros: 'Se não era formado, para quê? Pedantismo! (Lima Barreto, s.d., 11).

Era em sua biblioteca que passava a maior parte do seu tempo, "sentado na cadeira de balanço, bem ao centro da sua biblioteca" (Lima Barreto, s.d., 19). Mas a leitura e os seus estudos iam além das horas de descanso, preenchiam todo o seu tempo disponível, "durante os lazeres burocráticos estudou" (Lima Barreto, s.d., 14). Já nos períodos de férias, "enchia os dias da forma mais útil e agradável às necessidades do seu espírito e temperamento", dedicando-os à leitura :

Havia bem dez dias que o Major Quaresma não saia de casa. ... De manhã, depois do toilette e do café, sentava-se no divã da sala e lia os jornais. Lia diversos,... Os seus hábitos burocráticos faziam-no almoçar cedo; ... Após uma hora ou menos, voltava à biblioteca ... (Lima Barreto, s.d., 19).

E o que lia o Major? Quaresma era um patriota, e suas leituras estavam voltadas ao conhecimento das coisas da sua terra e da sua gente. "Estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política" (Lima Barreto, s.d., 14). Foi nesta busca que constituiu a sua biblioteca:

Na ficção, havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira, da Prosopopéia; o Gregório de Matos, o Basílio da Gama, o Santa Rita Durão, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além de muitos outros. Podia-se afirmar que nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do Major.

Da História do Brasil, era farta a messe; os cronistas, Gabriel Soares, Gandavo; e Rocha Pita, Frei Vicente Salvador, Armitagem Aires do Casal, Pereira da Silva, Handermann (geschichte von Brasilien). Melo Soares, Capistrano de Abreu, Senthay, Varnhagen, até de outros mais raros e menos famosos. Então no tocante a viagens e explorações, que riqueza! Lá estavam Hans Staden, o Jean de Léry, o Saint-Hilaire , o Martius, Príncipe de Neuwied, o John Mawe, o von Eschwege, o Agassiz, Couto Magalhães e se encontravam também Darwin, Freycinet, Cook, Bougainville e até o famoso Pigaffeta, cronista da viagem de Magalhães, é porque todos esses últimos viajantes tocavam no Brasil, resumida ou amplamente.

Além destes, havia livros subsidiários: dicionários, manuais, enciclopédias, compêndios, em vários idiomas (Lima Barreto, s.d., 13).

Havia assim, uma sintonia entre os desejos patrióticos de Quaresma e as suas leituras. Mas, há um momento em que Quaresma resolve ir além dos leituras, quer colocar em ação as idéias e dar vazão aos desejos que estas despertam. Suas atitudes desencadearão uma série de fatos que irão constituir a derrocada, levando-o ao hospício.

- O Quaresma está doido.
 - Mas ... o que? Quem foi que te disse?
 - Aquele homem do violão. Já está na casa de saúde..
 - Eu logo vi, disse Albermaz, aquele requerimento era de doido.
 - Mas não é só, general, acrescentou Genelício. Fez um officio em tupi e mandou ao ministro.
 - É o que eu dizia, fez Albermaz.
 - Quem é? Perguntou Florêncio.
 - Aquele vizinho, empregado do Arsenal; não conhece?
 - Um baixo, de pince-nez?
 - Nem se podia esperar outra cousa, disse o doutor Florêncio.
 - Aqueles livros, aquela mania de leitura...
 - Pra que ele lia tanto? Indagou Caldas.
 - Telhas de menos, disse Florêncio
- Genelício atalhou com autoridade:
- Ele não era formado, para que meter-se em livros?
 - É verdade, fez Florêncio.
 - Isto de livros é bom para os sábios, para os doutores, observou Sigismundo.
 - Devia até ser proibido, disse Genelício, a quem não possuísse um título "acadêmico" ter livros. Evitavam-se assim essas desgraças. Não acham?
 - Decerto, disse Albermaz.
 - Decerto, fez Caldas.
 - Decerto, disse também Sigismundo" (Lima Barreto, s.d., 35).

Participam desta conversa: Genelício, funcionário público carreirista; doutor Florêncio, um engenheiro e empregado público, cujos " anos e o sossego da vida lhe tinham feito perder todo o saber que porventura pudesse ter tido ao sair da escola" (Lima Barreto, s.d., 32); Albermaz, um general reformado, que se vangloriava de há bem quarenta anos, não pegar em um livro; e outros militares. Suas ponderações reprovam os hábitos de leitura de Quaresma, pois consideram que adentrar ao mudo dos livros, deve ser reservado aos doutores, aos possuidores de títulos acadêmicos, os quais

estariam devidamente preparados e não correriam riscos que a leitura pode trazer, levando, inclusive, um homem a loucura.

Mas, o que Quaresma fez de tão grave?

A sua passagem de esquisito para louco, se dá a partir do momento em que imbuído dos mais altos sentimentos patrióticos e consciente dos seus direitos de cidadão, escreve um requerimento ao presidente da Câmara dos Deputados propondo uma mudança na constituição - a mudança do idioma nacional do português para o tupi-guarani. Tal fato chega à imprensa como uma grande piada, Quaresma é ridicularizado e torna-se alvo de todo o tipo de pilhéria. Constrangido e magoado, ferido nos seus mais íntimos sentimentos, Quaresma se descontrola emocionalmente e, num momento de distração e confusão, acaba transcrevendo um ofício em tupi.

Se o requerimento coloca-o na berlinda, traz-lhe uma notoriedade negativa, o ofício, sendo um documento administrativo, e por estar ele, no cumprimento das suas funções, devendo portanto, obedecer ao regimento que estabelece as regras do seu cargo, gera motivos para o seu chefe afastá-lo a bem do serviço público. Não suportando toda esta situação, Quaresma entra em crise e é internado num hospício.

Embora magoado, Quaresma não perde a confiança no seu país e nos livros. Depois de sair do hospício, já aposentado do serviço público, acolhe uma sugestão da sua afilhada e resolve viver no campo. Retoma o seu ânimo, pois acredita que lá estabelecerá uma nova relação com a sua terra e o seu povo. Já que as terras são tão férteis e o clima tão bom, por que não produzir? Talvez esta seja a forma mais digna de servir à nação.

No campo, será nos compêndios científicos e técnicos que Quaresma buscará orientar a sua ação:

Os azares de leitura tinham-no levado a estudar as ciências naturais e o furor autodidata dera a Quaresma sólidas noções de Botânica, Zoologia, Mineralogia e Geologia. ... passou duas semanas a organizar a sua biblioteca agrícola e uma relação de instrumentos meteorológicos para auxiliar os trabalhos da lavoura.

Encomendou livros nacionais, franceses, portugueses; comprou termômetros, barômetros, pluviômetros, higrômetros, anemômetros (Lima Barreto, s.d., 55).

Esta idéia, de buscar uma prática fundamentada nos ditames da ciência, ou melhor, dos livros, acompanha-o também na sua próxima e derradeira empreitada. Depois de algum tempo no campo, de sofrer as suas agruras, Quaresma recebe a notícia de um levante na Capital. - A República estava em perigo! Imediatamente ele se coloca à disposição das forças leais

a Floriano. Já no Rio, é destacado para cumprir funções militares. Então era preciso conhecer os princípios e as ciências necessárias para o exercício de sua nova função.

...seu estudo predileto é agora artilharia. Comprou compêndios; mas, como sua instrução é insuficiente, da artilharia vai à balística, da balística à mecânica, da mecânica ao cálculo e à geometria analítica; desce mais a escada; vai a trigonometria, à geometria analítica e à álgebra e a aritmética. Ele percorre a cadeia de ciências entrelaçadas com uma fé de inventor. Aprende uma noção elementaríssima pós um rosário de consultas, de compêndio em compêndio; e leva assim aqueles dias de ócio guerreiro enfronhado na matemática, nessa matemática rebarbativa e hostil aos que já não são mais moços (Lima Barreto, s.d., 104). ... e também necessário mudar os seus estudos: da artilharia, tinha que passar para a infantaria. ...Correu a uma livraria e comprou livros sobre infantaria... (Lima Barreto, s.d.,117).

Participando dos combates, assistindo às crueldades da batalha e o desenrolar da revolta, Quaresma começa a questionar a validade de tudo aquilo, começa a se sentir enganado pelos seus heróis, pelas suas verdades e, talvez, pelos seus livros. Ao presenciar uma cena grotesca, na qual alguns revoltosos presos sob a sua guarda são escolhidos a esmo e levados para a morte, Quaresma escreve uma carta a Floriano:

Não se pudera conter. Aquela leva de desgraçados, a sair assim a desoras, escolhidos a esmo, para uma carnificina distante, falara fundo a todos os seus sentimentos; pusera diante dos seus olhos todos os seus princípios morais; desafiara a sua coragem moral e a sua solidariedade humana; e ele escrevera a carta com veemência, com paixão, indignado. Nada omitiu do seu pensamento; falou claro, franca e nitidamente (Lima Barreto, s.d., 130).

Esta carta levou-o à prisão, ali Quaresma percebe que a pátria que sempre sonhou, aquela descrita em seus livros, não existia. E, nesta situação, presenciando a sua tragédia, ele olha para o seu passado e vê que:

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem ... Em que lhe contribuiria para a sua felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada ... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não (Lima

Barreto, s.d., 130). ... E a agricultura? Nada. As terras não eram férteis e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção... (Lima Barreto, s.d., 131).

A tragédia de Quaresma é mediada pela sua relação com a leitura e a escrita, é a história de alguém que acredita e leva às últimas conseqüências as verdades que encontra nos livros, verdades estas que não lhe trazem a felicidade, mas sim, a desgraça.

Genelício e doutor Armando: dois casos exemplares.

Se a história de Quaresma é trágica, vamos encontrar outros personagens que fazem o uso “correto” da leitura e dos livros. Ambos têm os mesmos objetivos, a ascensão social e profissional e econômica. Buscam ser reconhecidos enquanto ilustres portadores de conhecimento e méritos nas suas áreas de ação.

Genelício, o “giboso”, é um advogado que faz carreira no serviço público, mas que, desde os tempos de estudante, já começa a colocar em prática as suas estratégias para conseguir promoções e benefícios dos seus superiores. Rapaz de futuro, já na fase de namoro com uma das filhas do general Albernaz, era bem visto por todos:

Empregado do Tesouro, já no meio da carreira, moço de menos de trinta anos, ameaçava ter grande futuro. Não havia ninguém mais bajulador e submisso do que ele. Nenhum pudor, nenhuma vergonha! Enchia os chefes de todo o incenso que podia. Quando saía, remancheava, lavava três ou quatro vezes as mãos, até poder apanhar o diretor na porta. Acompanhava-o, conversava com ele sobre o serviço, dava pareceres e opiniões, criticava este ou aquele colega, e deixava-o no bonde, se o homem ia para a casa. Quando entrava um ministro, fazia-se escolher como intérprete dos companheiros e deitava um discurso; nos aniversários de nascimento, era um soneto que começa sempre por - “Salve!”- e acabava também por - “Salve! Três vezes Salve!”

O modelo era sempre o mesmo; ele só mudava o nome do ministro e punha a data.

No dia seguinte, os jornais falavam do seu nome, e publicavam o soneto.

Em quatro anos, tinha tido duas promoções e agora trabalhava para ser aproveitado no Tribunal de Contas, a se fundar, num posto acima (Lima Barreto, s.d., 34).

Mas a estratégia de Genelício não era apenas a da bajulação, ele precisava também construir sobre si uma áurea de saber, e foi justamente nas publicações que encontrou o caminho:

Um dos que se servia, eram as publicações nas folhas diárias. No intuito de anunciar aos ministros e diretores que tinha uma erudição superior, de quando em quando desovava nos jornais longos artigos sobre contabilidade pública. Eram meras complicações (sic!) de bolorentos decretos, salpicadas aqui e ali com citações de autores franceses ou portugueses.

Interessante é que os companheiros o respeitavam, tinham em grande conta o seu saber e ele vivia na secção cercado de respeito de um gênio, um gênio do papelório e das informações. Acresce que Genelício juntava à sua segura posição administrativa, um curso de direito a acabar; e tantos títulos juntos não podiam deixar de impressionar ... Fora da repartição, tinha um empertigamento que o seu pobre físico fazia cômico, mas que a convicção do alto auxílio que prestava ao Estado, mantinha e sustentava. Um empregado modelo! (Lima Barreto, s.d., 34).

Este Genelício, que reprova os hábitos de leitura de Quaresma dizendo: "Ele não era formado, para que meter-se em livros?" , parte para uma ação mais radical, que será decisiva na sua ascensão profissional - publica um livro:

Tendo escrito uma - Síntese de Contabilidade Pública Científica - viu-se, sem saber como, cumulado de elogios pela "imprensa desta capital". O ministro, atendendo ao mérito excepcional da obra, mandou-lhe dar dous contos de prêmio, tendo sido a edição feita à custa do Estado, na Imprensa Nacional. Era um grosso volume de quatrocentas páginas, tipo doze, escrito em estilo de officio, com uma basta documentação de decretos e portarias, ocupando dous terços do livro.

A primeira frase da primeira parte, o quinhão do livro verdadeiramente sintético e científico, fora até muito notada e gabada pelos críticos, não só pela novidade da idéia, como também pela beleza da expressão.

Dizia assim: "A contabilidade Pública é a arte ou ciência de escriturar convenientemente a despesa e receita do Estado".

Além do prêmio e da transferência, ele já tinha promessa de ser subdiretor na primeira vaga (Lima Barreto, s.d., 64).

Se para Quaresma possuir livros, escrever requerimentos, ou cartas, expondo as suas idéias, levou-o à desgraça, para Genelício, escrever um

livro, significou a glória, mesmo sendo a sua obra recheada de compilações, e da qual, se comentou apenas a primeira frase.

Outro personagem que busca o reconhecimento enquanto um sábio, através das publicações e dos livros, é doutor Armando Borges, médico, de poucas virtudes intelectuais, mas de grande ambição.

A ascensão do doutor Armando passa pelo casamento, casa-se com Olga, filha de Coleoni, um imigrante italiano que chegou aqui, sem nada, e fez fortuna. Pai dedicado, queria dar à única filha do bom e do melhor, inclusive no casamento:

- Ela quer um doutor - pensava ele - que arranje! Com certeza não terá ceitil, mas eu tenho e as cousas se acomodam.

Ele se havia habituado a ver no doutor nacional, o marquês ou o barão de sua terra natal. Cada terra tem sua nobreza; lá, é visconde; aqui, é doutor, bacharel ou dentista; e julgou muito aceitável comprar a satisfação de enobrecer a filha com umas meias dúzias de contos de réis (Lima Barreto, s.d., 39).

Assim, fez-se o casamento, Olga teve o seu doutor com o seu título de nobreza, e ele, doutor Armando, agora, além do título, era um homem rico:

O marido é que estava contente. Não seria muito com a noiva, mas com a volta que a sua vida ia tomar. Ficando rico e sendo médico, cheio de talento nas notas e recompensas escolares, via diante de si uma larga estrada de triunfos nas posições e na indústria clínica. Não tinha fortuna alguma, mas julgava o seu banal título um foral de nobreza, equivalente àqueles com que os autênticos fidalgos da Europa brunem o nascimento das filhas dos salchicheiros yankees. Apesar de ser seu pai um importante fazendeiro por aí, em algum lugar desse Brasil, o sogro lhe dera tudo e tudo ele aceitara sem pejo, com desprezo de um duque, duque de plenamentos e medalhas, a receber homenagens de um vilão que não roçou os bancos da “academia” (Lima Barreto, s.d., 67-68).

Para Olga o casamento não teve o mesmo sentido, pois os títulos do seu marido não lhe eram tão importantes assim, tivera alguns encantos no início, mas tudo se desfez rapidamente:

Julgava que a noiva o aceitara pelo seu maravilhoso título, o pergaminho; é verdade que foi, não tanto pelo título, mas pela sua simulação de inteligência, de amor à ciência, de desmedidos

sonhos de sábio. Tal imagem que dele fizera, durara instantes em Olga ... (Lima Barreto, s.d., 68).

Se para Olga, a figura do sábio não se sustentou, para os demais, estava associada à pessoa do doutor Armando, que prezava em cultivá-la. Em todas as situações, se apresentava como tal, na visita ao sítio de Quaresma:

Dona Adelaide, mulher velha, do tempo em que o Império armava essa nobreza escolar, possuía em si uma particular reverência, um culto pelo doutorado; e não lhe foi, pois difícil demonstrá-lo, quando se viu diante do doutor Armando Borges, de cujas notas e prêmios ela tinha exata notícia.

Quaresma mesmo recebeu-o com as maiores marcas de admiração e o doutor, gozando aquele seu sobre-humano prestígio, ia conversando pausadamente, sentenciosamente, dogmaticamente; e, à proporção que conversava, talvez para que o efeito não se dissipasse, virava com a mão direita o grande anelão "simbólico", o talismã, que cobria a falange do dedo indicador esquerdo, ao jeito de marquise (Lima Barreto, s.d., 73).

Mas este reconhecimento não era suficiente, o doutor Armando tinha outras ambições, desejava cargos, nomeações: "Queria ter um cargo oficial, médico, diretor ou mesmo lente da faculdade" (Lima Barreto, s.d., 90). Para conseguir tais expedientes precisava fazer nome e, como recurso, usava a publicação de folhetos e artigos:

De quando em quando, publicava um folheto. O Cobreiro, Etiologia, Profilaxia e Tratamento ou Contribuição para o Estudo da Sarna no Brasil ; e, mandava o folheto, quarenta e sessenta páginas, aos jornais que se ocupavam dele duas ou três vezes por ano; o "operoso doutor Armando Borges, o ilustre clínico, o proficiente médico dos nossos hospitais", etc., etc.

Obtinha isso graças à precaução que tomara em estudante de se relacionar com os rapazes da imprensa.

Não contente com isso escrevia artigos, estiradas compilações, em que não havia nada de próprio, mas ricos de citações em francês, inglês e alemão (Lima Barreto, s.d., 90).

Das ambições do doutor Armando, a maior delas era se tornar lente da faculdade, mas "o concurso porém, metia-lhe medo. Tinha elementos, estava bem relacionado e cotado na congregação, mas aquela história de argüição apavorava-o" (Lima Barreto, s.d., 90). Sendo essa uma de suas fraquezas, procurava compensá-la construindo a imagem pública de grande

estudioso, do homem dedicado aos livros. Para tal, um cenário estava montado:

Não havia dia em que não comprasse livros em francês, inglês e italiano:...A sala da frente do alto porão tinha sido transformada em biblioteca. As paredes estavam forradas de estantes que gemiam ao peso dos grandes tratados. À noite, ele abria as janelas das venezianas, acendia todos os bicos-de-gás e se punha à mesa, todo de branco com um livro aberto sob os olhos.

O sono não tardava a vir ao fim da quinta página... Isso era o diabo! Deu em procurar os livros da mulher. Eram romances franceses, Gouncourt, Anatole France, Daudet, Maupassant, que o faziam dormir da mesma maneira que os tratados. Ele não compreendia a grandeza daquelas análises, daquelas descrições, o interesse e o valor delas, revelando a todos, à sociedade, a vida, os sentimentos, as dores daqueles personagens, um mundo! O seu pedantismo, a sua falsa ciência e a pobreza da sua instrução geral faziam-no ver naquilo tudo, brinquedos, passatempos. Falatórios, tanto mais que ele dormia à leitura de tais livros.

Precisava, porém, iludir-se, a si mesmo e à mulher. De resto, da rua, viam-no e se dessem com ele a dormir sobre os livros?! ... Tratou de encomendar algumas novelas de Paulo de Kock em lombadas com títulos trocados e afastou o sono (Lima Barreto, s.d., 91).

Doutor Armando especializou-se nas publicações, se não era um homem de ciência, com pesquisas relevantes à publicar, pelo menos, na apresentação dos seus artigos procurava mostrar erudição. Descobre uma técnica interessante, que consistia em rescrever seus artigos substituindo os termos da linguagem comum, por uma linguagem clássica. Aos poucos esta estratégia começava a produzir os seus resultados:

... ele estava escrevendo ou mais particularmente: traduzia para o "clássico" um grande artigo sobre "Ferimentos por arma de fogo". O seu último truc intelectual era este do clássico. Buscava nisto uma distinção, uma separação intelectual desse meninos por aí que escrevem contos e romances nos jornais. Ele, um sábio e sobretudo, um doutor, não podia escrever da mesma forma que eles. A sua sabedoria superior e o seu título "acadêmico" não podiam usar da mesma língua, dos mesmos modismos, da mesma sintaxe que esses poetrastos e literatecos. Veio-lhe então a idéia do clássico. O processo era simples: escrevia do modo comum, com as palavras e o jeito de hoje, em seguida invertia as orações, picava o período com vírgulas e

substituía incomodar por molestar, ao redor por derredor, isto por esto, quão grande e tão grande por quamanho, sarapintava tudo de ao invés, em pós, e assim obtinha o seu estilo clássico que começava a causar admiração aos seus pares e ao público em geral.

Gostava muito da expressão - às rebatinhas; usava-a a todo o momento e, quando a punha no branco do papel, imaginava que dera ao seu estilo uma força e um brilho pascalianos e às suas idéias uma suficiência transcendente. De noite, lia o padre Vieira, mas logo às primeiras linhas o sono lhe vinha e dormia sonhando-se “físico”, tratado de mestre, em pleno Seiscentos, prescrevendo sangria e água quente, tal qual o doutor Sangrado. A tradução estava no fim, já estava bastante prático, pois com o tempo adquirira um vocabulário suficiente e a versão era feita mentalmente, em quase metade, logo na primeira escrita (Lima Barreto, s.d., 101).

Quando acontece a revolta, doutor Armando vê uma possibilidade de concretizar seus sonhos, se faz “florianista e jacobino”. Consegue uma “graça governamental”: “Fora nomeado médico do Hospital de Santa Bárbara, na vaga de um colega, demitido a bem do serviço público como suspeito por ter ido visitar um amigo na prisão” (Lima Barreto, s.d., 115). Seus esforços estavam sendo recompensados.

Livros para quem?

Livros para quê e para quem? Talvez estas sejam as questões que perseguem Lima Barreto. Como nos mostra, numa terra onde os doutores eram cultuados como semideuses, e o caráter simbólico de possuir e escrever livros, estava muito além das mensagens que estes traziam, ler, escrever e possuir livros fazem parte do processo de constituição e de manutenção das hierarquias sociais. Os objetos devem ser associados aos títulos, aos cargos e ao lugar social ocupado pelo sujeito, assim como, todo um conjunto de imagens - a biblioteca, o momento da leitura, a espessura dos volumes, a encadernação e a origem.

Escrevendo num país em que a maioria da população era analfabeta, e a capacidade de leitura, distingue socialmente os indivíduos, o autor mostra a sua indignação com uma elite que cultua os títulos, e busca laurear-se de sapiência. Pois, só a eles é permitido possuir o domínio sobre as letras, são os que devem ter direito aos livros, já que estão vacinados contra os desvios a que as leituras podem levar.

São, portanto, múltiplas as leituras que podemos fazer desta obra de Lima Barreto. Ao expor as relações de grupos da elite brasileira com a leitura e os livros, a obra fornece elementos para compreendermos o acesso aos impressos no Brasil da virada dos oitocentos para os novecentos. Embora estejamos analisando um romance, isto é, uma ficção na qual temos uma fabulação de uma determinada realidade, a obra de Lima Barreto é de fundamental importância para a constituição de uma história dos significados do letramento e a produção das hierarquias sociais que se pautaram nos usos dos impressos.

Bibliografia

- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel: Bertrand, 1990.
- _____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas*. Brasília: Editora da UnB, 1994.
- _____. As práticas da escrita. In: ARIÈS, P. & CHARTIER, R. *História da vida privada 3: Da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CHARTIER, R. ; ROCHE, D. O livro: uma mudança de perspectiva. In: LE GOFF, J. *História: novos objetos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- LE GOFF, J. *História: novas abordagens*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- LIMA BARRETO, A . H. DE. *Triste fim de Policarpo Quaresma*, RJ, Ediouro, s.d
- MANGEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARTINS, W. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- PINTO NETO, P. C. *Ciência, literatura e civilidade*. Campinas, 2001. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- REVEL, J. Os usos da civilidade. In: ARIÈS, P. & CHARTIER, R. *História da vida privada 3: Da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870–1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Pedro da Cunha Pinto Neto é Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp e Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp. Docente da Faculdade de Educação-Unicamp desde 1998, ligado ao Departamento de Metodologia de Ensino. Na pós-graduação atua na Área IV: Ensino, Avaliação e Formação de Professores. Atualmente desenvolve o projeto de pesquisa: Ciência e Imaginário.

Endereço: Faculdade de Educação-Unicamp – Av. Bertrand Russel, 810 – Cep 13084-971 – Campinas/SP.

E-mail: pedrocpn@unicamp.br